

# **A PEDAGOGIA SOLIDÁRIA NO CONJUNTO PALMEIRAS: UM ESTUDO SOBRE O EMPREENDEDORISMO EDUCACIONAL POPULAR SOLIDÁRIO DA PALMATECH**

JORGE LUIZ CUNHA LIMA  
UVA  
[sociologo\\_jorge7luz@ig.com.br](mailto:sociologo_jorge7luz@ig.com.br)

O desejo de investigar o tema, ora em pauta, vincula-se a uma questão que a mim se impõe pela curiosidade e interesse: “por que a pedagogia solidária é considerada uma das alternativas que vem sendo socialmente construída, através da Palmatech, como forma de contribuir para uma nova ética na economia, sedimentada na criatividade e satisfação das necessidades humanas, formando pessoas para as práticas da socioeconomia solidária diante da questão do desemprego, da exclusão social e do não exercício pleno da cidadania no Conjunto Palmeiras, desde 1998 a 2002?”

Sem dúvida, a investigação sobre o fenômeno da pedagogia solidária em Fortaleza é fundamental para compreender a realização da educação popular solidária na construção de seus fundamentos teóricos a partir de sua própria prática *in loco*, na perspectiva de entender como essa pedagogia pode ser arquitetada dentro de um movimento social, como prática social que visa a construção da cidadania (CALADO, 1996). Comungando dessa óptica, Maria da Glória Gohn afirma que:

A educação ocupa lugar central na acepção coletiva da cidadania. Isto porque ela se constrói no processo de luta que é, em si próprio, um movimento educativo. Ela se constrói como um processo interno, no interior da prática social em curso, como fruto do acúmulo das experiências engendradas (GOHN, 1994:16).

Porquanto, é preciso compreender como se deu o surgimento sociohistórico da pedagogia solidárias através da Associação dos Moradores do Conjunto Palmeiras (ASMOCONP). Sem dúvida, a pesquisa reconheceu que os trabalhadores palmeirenses associados sempre buscaram alguma forma de pedagogia humanizada e sustentável que possibilitasse o enfrentamento dos conflitos na relação capital/trabalho, que vem agravando o cenário de injustiça social e de negação da cidadania na capital cearense. Sendo assim, dentro dessa realidade urbana antagônica do Conjunto Palmeiras, em que a ASMOCONP atua como uma das dimensões sociopolíticas dos movimentos sociais em Fortaleza, Gohn alerta que:

É interessante atentarmos para esta dimensão educativa dos movimentos sociais, porque (...) nada mais são do que processo pedagógico vivenciados pelo movimento” (Idem, 1994:19).

Nesse intuito, com base na pesquisa de campo e na literatura relacionada à linha de pesquisa deste trabalho — educação, movimentos sociais e cultura política —, o meu *objeto de estudo* é a Palmatech (Escola Comunitária de Socioeconomia Solidária), porque por meio deste se dá a construção da pedagogia solidária, que busca construir um empreendedorismo educacional popular solidário para desenvolver alternativas de produção econômica solidária sustentáveis, a fim de viabilizar a geração de renda no Conjunto Palmeiras. Sem dúvida, através dessa recente pedagogia, esse tipo de empreendedorismo surge também em Fortaleza (1998), como uma das conseqüências da flagrante impotência do Poder Público e do Setor Privado cearenses em dar soluções à exclusão e desigualdades sociais.

Além do mais, as experiências de empreendimentos educacionais populares solidários no Conjunto Palmeiras alcançam níveis de inclusão social que as habilitam para um processo de crescimento endógeno. Assim sendo, a Palmatech assume uma “racionalidade pedagógica progressista”<sup>1</sup> ao modificar pedagogicamente o sentido do trabalho e a formação de rentabilidade local, facilitando a geração de renda endógena ao possibilitar a prática solidária de estratégias de desenvolvimento humano sustentáveis. A Palmatech busca o desenvolvimento harmônico entre a pedagogia educacional e empreendimentos solidários *in loco*, a fim de que os palmeirenses aprendam a humanizar as relações de trabalho. Sem dúvida, a “Palmatech” e a “pedagogia solidária” transformam-se em empreendimentos solidários. Elas são efeitos de uma ação social (WEBER, 1999) comunitária, que busca construir o trabalho solidário como fim último.

Nesse sentido, o trabalho solidário deve ser entendido como uma forma de organização das atividades sociais desenvolvidas mediante a cooperação entre trabalhadores locais, onde as decisões relativas à organização são diretamente tomadas por quantos aí participarem, com base na atribuição do poder decisório às coletividades definidas por cada uma das estruturas específicas de atividade. Destarte, a Palmatech é também a realização estimuladora de novas relações sociais democráticas dentro do Conjunto Palmeiras, pois é fruto de uma ação social comunitária que tenta exercitar a cidadania e desenvolver seu potencial microeconômico. O desenvolvimento dessa experiência popular da pedagogia solidária é determinado tanto por condições

<sup>1</sup> Vide a citação de Paulo Meksenas (2002) na página 3.

sociopolíticas e econômicas exógenas vinculadas ao próprio agravamento da questão social nos processos de vulnerabilidade do trabalho, quanto pelas relações sociais endógenas construídas na realidade do Conjunto Palmeiras.

Por seu turno, classifico a “pedagogia solidária” como uma nova parte integrante do “grupo das pedagogias progressistas”<sup>2</sup> que não está preocupada em pensar a educação como forma de adaptar o indivíduo ao meio social, nem como meio de apenas reproduzir as desigualdades sociais, mas sim concebê-las como instrumento de transformação social possível. Segundo Paulo Meksenas (2002), ao se referir ao processo de formação de pedagogias relacionadas à realidade social:

... as tendências pedagógicas progressistas se constituem nas teorias que terão como objetivo central tentar conceber criticamente a educação e a escola na sociedade capitalista, buscando ainda perceber de que forma essa educação e escola podem ajudar no processo de superação das desigualdades sociais, contribuindo ainda para a construção de uma nova sociedade (MEKSENAS, 2002:86).

A rigor, verifico que a “pedagogia solidária” é a ação conjunta de duas tendências pedagógicas progressistas — a Libertadora e a Crítico-Social de Conteúdo — com algumas inovações teórico-práticas relacionadas às necessidades socioeconômicas locais. Ou seja, para essa nova tendência, os conteúdos devem identificar-se com as relações político-econômicas que estão presentes na comunidade, onde o eixo central é a manutenção da relação solidária: educação, política e “economia”. Sendo assim, a pedagogia solidária aparece fora da escola tradicional como uma conquista das pessoas da classe trabalhadora que foram excluídas do mercado de trabalho. Sem dúvida, é uma prática pedagógica que valoriza o cotidiano do trabalhador, relacionando-o com questões político-econômicas fora da escola convencional. Isso revela que “... a educação não é uma fórmula de escola, mas sim uma obra de vida” (FREINET, 2000:09). É uma forma de “educação popular de base” que não parte de conteúdos padronizados pelas relações de poder: aquilo *que deve ser*. Mas, o ensino vai nascendo no decorrer dos *encontros*, a partir da problematização da vida político-econômica dos trabalhadores: aquilo *que é*. Por seu turno, Gohn esclarece que:

O princípio básico adotado da educação popular foi o do desenvolvimento de uma ação pedagógica conscientizadora, que deveria atuar sobre o nível cultural das camadas populares, em termos explícitos dos interesses delas (GOHN, op. cit., 1994:48).

---

<sup>2</sup> *Pedagogia Libertadora* (Paulo Freire), *Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos* (Georges Snyders) e *Pedagogia Solidária* (em estudo por Jorge Luiz Cunha Lima).

Como parte integrante de uma educação popular de base, na pedagogia solidária o conteúdo nasce a partir dos *debates formadores* extraídos pelos alunos dentro da própria vida política e “econômica”. Sendo assim, o professor exerce a função de *organizador das oficinas* ou *orientador*, que tem por objetivo racionalizar e sistematizar o conteúdo junto aos alunos (as) a partir daquilo que as necessidades socioeconômicas deles (as) lhe propõem. Metodologicamente, essa prática pedagógica valoriza os debates, assembléias e a formação de oficinas profissionalizantes populares de base, com o objetivo de resgatar a “cultura política” vulnerabilizada pela “ideologia dominante”. A recuperação da história da vida político-econômica dos trabalhadores passa a ser fundamental no processo de transformação socioeconômica local.

Assim, o meu *objetivo geral* busca compreender e explicar a construção social da “pedagogia solidária”, considerando a Palmatech como seu principal empreendedor para o desenvolvimento humano sustentável no Conjunto Palmeiras. Destarte, os *objetivos específicos* preocupam-se em: 1) averiguar a possível existência sustentável dessa experiência da pedagogia solidária, como forma de inserção social dos palmeirenses no mercado de trabalho local; 2) expor os fatos sociohistóricos e político-econômicos fortalezenses que viabilizaram o surgimento do trabalho solidário e da pedagogia solidária no Conjunto Palmeiras; 3) verificar se existe um oferecimento de capacitação gerencial, profissionalizante e humana na perspectiva da socioeconomia solidária; e 4) observar criticamente os mecanismos pedagógicos criados pela Palmatech para desenvolver formas de sensibilização nos palmeirenses para a “cultura da solidariedade”.

Ademais, esse estudo me permite defender “a tese” de que a pedagogia solidária é uma nova categoria da “pedagogia progressista”, voltada para o ensino técnico-profissionalizante popular solidário, que poderá ser estendida, gradativamente, para outros campos das atividades microeconômicas de Fortaleza, possuindo como valor central o controle da sociedade organizada sobre a economia e o mercado como espaço de cooperação, colaboração e satisfação das necessidades humanas. Ora, esse tipo de educação popular de base é outra forma de combate às relações de trabalho alienado (MARX, 2001) na capital cearense. Na realidade, o que estamos assistindo não é exatamente o desaparecimento do trabalho, mas sua metamorfose (ANTUNES, 2002ab) através de uma nova pedagogia popular que busca transformar a realidade local. Como o trabalho faz parte da vida — e não o contrário — a solução para o desemprego não seria o emprego em si mesmo, mas o trabalho em suas diversas formas. Ademais, o “trabalho

solidário” seria uma dessas maneiras, pois possibilita o desenvolvimento das atividades autônomas pelos excluídos do mercado de trabalho assalariado. Sendo assim, a “pedagogia solidária” se responsabilizaria por viabilizar o ensino de novas formas sustentáveis de trabalho solidário, voltados para a realização pessoal e à formação profissional daqueles-que-vivem-do-trabalho.

A *justificativa* desse estudo deleita-se sobre o meu interesse em dar contribuições ao desenvolvimento sustentável da pedagogia solidária, a fim de enriquecer o estudo científico sobre *a relação educação, movimentos sociais e cultura política*. Para tanto, considero dois fatores justificadores de meu interesse pela pedagogia solidária no Conjunto Palmeiras:

- 1) A existência de uma escola solidária (Palmatech) e de grupos de moradores locais interessados na organização do trabalho solidário;
- 2) A realização de políticas pedagógicas de ensino popular solidário, direcionadas à criação endógena de empreendimentos populares solidários sustentáveis.

Além demais, esses fatores ao permearem a relação entre educação popular de base e movimentos sociais favorecem a construção de novas reflexões sobre as práticas político-pedagógicas progressistas. Nesse sentido, segundo as reflexões do Professor Alessandro Augusto de Azevedo (UFRN):

Uma das mais valiosas heranças que a educação popular traz consigo das relações que estabelece com os movimentos sociais é a sua preocupação permanente em traduzir para suas práticas cotidianas (...) uma dinâmica organizativa consubstanciada em práticas coletivas e na resposta a demandas sociais imediatos. Essa herança (...) transportada para o diálogo com a Pedagogia, pode inserir a reflexão pedagógica num contexto que extrapola o universo escolar, aproximando-a dos processos de ensino e aprendizagem, de reflexão teórica e prática, de tematização das condições concretas em que a maioria das pessoas vive. Podem, portanto, dar poderosas contribuições na fundamentação de um pensamento pedagógico renovado, capaz de se responder aos desafios da contemporaneidade... (MATOS, 2003:177).

Sendo assim, em resposta ao problema da exclusão social, como um dos desafios da contemporaneidade, compreendo que os palmeirenses desejosos por consumir os produtos ofertados no mercado e não possuindo renda familiar, crédito e trabalho no comércio local, ainda necessários ao acesso do consumo imediato de produtos

industrializados, encontraram uma proposta de inclusão social na *socioeconomia solidária*<sup>3</sup>. É nesse momento em que esse tipo de economia popular possibilita a inserção social dos palmeirenses ao organizar e desenvolver o trabalho autônomo local e o direito ao crédito capazes de construir não só o acesso ao consumo, e sim a cidadania, onde os moradores criam a sua própria renda, facilitando o acesso aos bens e serviços de qualidade e de baixo custo à realização das necessidades individuais e coletivas. A realização dos trabalhadores em seu meio social é o fim último da *socioeconomia solidária através da Palmatech*<sup>4</sup>.

Assim sendo, entendo o surgimento da socioeconomia solidária em Fortaleza (1998) como uma das alternativas de luta contra a “exclusão social” e a “informalização das relações de trabalho”. Esse tipo de economia da população excluída do mercado de trabalho ocorre dentro sociedade civil, e ainda se encontra em construção. Sem dúvida, hoje a imagem de impotência dos pobres é revista. As alternativas econômicas exigem que consideremos a existência de um saber popular em matéria econômica que não pode ser visto como pura alienação (CORAGGIO, 2000), que reaproximemos a teoria econômica da vida das pessoas, que religuemos a economia com a cultura humana. Nesse sentido, “a cultura humana será (...) promessa segura do fruto generoso que amadurecerá amanhã” (FREINET, op. cit., 2000:10). Sendo assim, com uma pedagogia própria, a socioeconomia solidária aparece em Fortaleza como uma alternativa de luta contra a crise nas relações de trabalho assalariado.

Nesse contexto, a cidade de Fortaleza sente os efeitos da globalização da economia, possibilitando a manifestação concreta de “movimentos sociais” e “políticas

---

3 Faz parte da *economia solidária* todo e qualquer empreendimento popular de base não-governamental que busca um desenvolvimento local sustentável, através de uma política de microcrédito popular. Sendo assim, não há uma coesão social forte o suficiente que mobilize o bairro, pois o interesse principal é desenvolver o comércio local por intermédio do acesso imediato ao microcrédito popular para superar a pobreza e o desemprego. Já a *socioeconomia solidária* busca um desenvolvimento local sustentável, através de uma política de microcrédito popular de base não-governamental e da mobilização social da comunidade. Assim, há uma coesão social forte que mobiliza e organiza o bairro para superar a pobreza e o desemprego. Aqui, o comércio e a comunidade relacionam-se para conquistar a sustentabilidade dos seus empreendimentos com retorno social.

4 Em relação à economia solidária, a *socioeconomia solidária* é mais objetiva em atender as necessidades humanas dos trabalhadores, através da mobilização política dos indivíduos envolvidos e interessados em viabilizar o crescimento econômico local por intermédio do crédito popular. Sendo assim, o processo de construção dessa alternativa microeconômica é mais demorado, devido à necessidade de tempo para amadurecer a coesão e a articulação sociais entre indivíduos tão diferentes na mesma comunidade, em prol de um desenvolvimento sustentável que atenda com mais realismo as necessidades econômicas daqueles-que-vive-do-trabalho. Para corresponder a essa expectativa de inclusão social, a Palmatech foi criada para racionalizar e organizar — estratégica e pedagogicamente — os empreendimentos solidários no Conjunto Palmeiras.

públicas” em favor da humanização da relação capital/trabalho. Assim, surge a socioeconomia solidária como resultado desses *movimentos sociais urbanos* <sup>5</sup> que reagiram à crise do desemprego em massa (SINGER e SOUZA, 2000). Em verdade, guiada por uma pedagogia popular de base, a socioeconomia solidária em Fortaleza combate direta e indiretamente o aumento do desemprego estrutural e da informalização das relações de trabalho, incentivando algumas comunidades a buscar formas de informação e de organização solidária — associações de moradores, bancos de crédito popular etc. —, a fim de que os indivíduos excluídos e marginalizados encontrem saídas para os seus dramas socioeconômicos.

Face ao momento de “vulnerabilização do trabalho”, a socioeconomia solidária surge como meio de superar significativamente a marginalidade daqueles-que-vivem-do-trabalho frente ao mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que possibilitam o desenvolvimento microeconômico solidário local. Sem dúvida, a sustentabilidade de políticas públicas para o desenvolvimento humano é o centro dos debates sociais em Fortaleza. Por quê?

A temática do desenvolvimento humano sustentável é um campo em construção em Fortaleza, que ganha centralidade para a construção de projetos locais que incorporem aqueles-que-vivem-do-trabalho no mercado de trabalho formal, a fim de combater a desigualdade e a exclusão socioeconômicas, para que se estruture e integre as políticas públicas de forma centralizada e, assim, poder viabilizar o exercício da cidadania, fortalecendo os mecanismos democráticos de participação popular como modelo ao desenvolvimento da qualidade de cidadão.

Aqui posso considerar que o objetivo da Palmatech é fortalecer as dimensões socioeconômicas de reestruturação das cadeias produtivas, na busca de vantagens à construção do trabalho solidário, que levem em conta as dimensões endógenas e sua

---

<sup>5</sup> Embasando-me nos estudos teóricos de Gohn (1995), compreendi que *os movimentos sociais urbanos em Fortaleza* obedecem a duas perspectivas, que geralmente incentivam a organização e as práticas da socioeconomia solidária. A primeira caracteriza-se por ser *histórico-estruturalista*, porque atribui às contradições do capitalismo um lugar central na eclosão e no desenrolar das lutas e movimentos. Sendo assim, a questão central dessa perspectiva marxista decorre da articulação entre carências, as necessidades, as demandas e as contradições. Por fim, a segunda considera-se como *culturalista*, porque enfatiza que é importante apreender as representações dos indivíduos sobre suas práticas buscando decodificar o sentido de suas ações. Dentro dessa perspectiva weberiana, os indivíduos são analisados como atores sociais. Ademais, essa visão não se preocupa com as leis, as contradições ou as determinações, mas com os processos localizados, analisados a partir de suas relações endógenas. A conjuntura e o desenrolar cotidiano dos acontecimentos têm grande importância nesta abordagem. Portanto, ambas as perspectivas auxiliam a compreensão e a explicação sobre os fatos que permeiam o surgimento e o desenvolvimento de uma *pedagogia popular solidária* no Conjunto Palmeiras.

articulação com as externalidades locais, as redes solidárias e fluxos regionais e nacionais. Contudo, considero a existência de algumas limitações subjetivas que estão relacionadas à experiência cultural daqueles-que-vivem-do-trabalho e para questões relacionadas à viabilização econômica dos empreendimentos solidários, pois alguns se formam por motivações imediatistas como, por exemplo, a possibilidade de trabalho e o acesso ao crédito em curto prazo. Sem uma dimensão estratégica e ressentindo-se de processos formativos, muitos grupos não mantêm um projeto coletivo e solidário de longo prazo.

Revelo que a maioria dos trabalhadores continua presa ideologicamente à cultura da subordinação, possuindo precários conhecimentos de gestão e pouca qualificação no mercado de trabalho. Ora, essa precariedade dos trabalhadores refere-se à impossibilidade de dirigir os próprios negócios, pois, culturalmente, encontram-se atados às relações alienadas do trabalho assalariado (MARX, 2001), reproduzindo continuamente a relação de dominação legal centrada na obediência e na execução das ordens (WEBER, 2001, 2002 e 2004). Assim sendo, os trabalhadores não conseguem desenvolver uma participação democrática nos negócios locais, porque estão acostumados a receber ordens, em vez de perpetuarem a participação solidária de todos nos interesses da organização local.

Conseqüentemente, essa cultura da subordinação inviabiliza um interesse coletivo no desenvolvimento humano sustentável das relações de trabalho solidário ao possibilitar a centralização do poder. Assim, entendo que o sucesso dos empreendimentos solidários depende de um processo lento de “mudança cultural” e de comportamentos, combinado continuamente com a capacitação e formação técnico-profissionalizante dos trabalhadores. Disso tudo brotou a importância de existir uma Escola de Socioeconomia Solidária (Palmatech) em Fortaleza, a fim de que aqueles-que-vivem-do-trabalho construam um conhecimento esclarecedor sobre a própria situação na sociedade capitalista periférica, por intermédio de informações e metodologias pedagógicas próprias relacionadas ao cotidiano citadino *in loco*. Sendo assim, “... os homens são finalmente obrigados a encarar com sobriedade e sem ilusões sua posição na vida...” (MARX, 1999a:69).

Para tanto, é necessário entender que o desenvolvimento socioeconômico solidário local relaciona-se com a construção de uma base socioproductiva sustentável e ampliada, baseada na potencialidade dos empreendimentos e dos trabalhadores locais. Isso porque “ao produzirem seus meios de existência, os homens produzem indiretamente sua

própria vida material” (Idem, 1998b:10–11). Nesse cenário, as responsabilidades sociais no seu conjunto exigem um modo de gestão de participação popular solidária: democrática, transparente e autônoma que focalize estratégias voltadas à qualidade de vida daqueles-que-vivem-do-trabalho no Conjunto Palmeiras. O enfoque humano do desenvolvimento sustentável deve considerar a crise dos paradigmas e as possibilidades abertas pelas novas tecnologias de produção, para fortalecer as esferas de participação popular, repensando os princípios e formatos que ordenam as políticas públicas. Dando centralidade para soluções que valorizam novos conceitos de participação democrática baseados no uso intensivo de ações socioeconômicas solidárias sustentáveis.

Por intermédio da Palmatech, a socioeconomia solidária em Fortaleza busca abranger as novas formas de geração de trabalho e renda fora da lógica do capitalismo, com forte ênfase nas questões ligadas ao enfoque da economia popular de base. Assim, busca-se a valorização das redes de cooperação solidária entre trabalhadores desempregados, a fim de que existam práticas de negociação e planejamentos de estratégias político-econômicas locais de desenvolvimento sustentável. Destarte, também se busca situar o contexto de precarização, desconstrução de direitos e reestruturação das relações de trabalho como aspecto chave para recolocar a centralidade do trabalho; e a construção de plataformas e demandas por direitos econômicos e sociais, como forma de reorientar a construção das políticas públicas, a partir de uma perspectiva de sustentabilidade social.

Sobre “economia popular” em Fortaleza desenvolvida pela Palmatech, posso apenas estar referindo-me à chamada economia de sobrevivência, marginal à economia de mercado. Nesse caso, prefiro entender “popular” no sentido substantivo de uma economia centrada na busca de condições de satisfação das necessidades sempre novas dos seres humanos, na perspectiva do bem-viver de todos e para todos. A serviço, portanto, do homem na busca de inverter a *lógica fetichista da economia capitalista* <sup>6</sup>. E, por fim, ao

---

<sup>6</sup> A partir de sua discussão sobre o valor-de-uso e o valor-de-troca, Marx aprofunda sua explicação sobre o valor da mercadoria. Sendo assim, o primeiro se realiza para as pessoas sem troca. O segundo se manifesta através de uma relação direta entre a coisa e a pessoa. Isso significa que o valor se realiza na troca como um processo social. Nesse contexto, a mercadoria é o centro da teorização de Marx. Ele entende que o valor atribuído à mercadoria não é definido pela natureza da vontade humana. Nesse momento, o tempo de trabalho e a força utilizada para o fabrico do produto são fatores determinantes para a construção social do valor. Sem demora, Marx desmistifica a mercadoria quando entende que: “... esse fetichismo do mundo das mercadorias decorre, (...), do caráter social próprio do trabalho que produz mercadoria. O caráter misterioso da mercadoria não provém do seu valor-de-uso, nem tampouco dos fatores determinantes do valor” (MARX, 1992:161). Sem dúvida, Marx acredita que é o trabalho a mola do capitalismo. Sendo assim, o trabalho vai atribuir valor ao produto. E a quantidade de trabalho cristalizado na produção realizado irá determinar o valor social do produto ofertado no mercado. Isso, logicamente, está relacionado com o tempo e

dizer “solidária” dou um caráter prático que busca recuperar a igualdade como condição do exercício da liberdade, para que a realização da solidariedade em Fortaleza implique na criação de condições socioeconômicas de equidade no exercício da liberdade cidadã.

Neste sentido, a liberdade não se dá pela livre iniciativa individual, mas na liberdade de iniciativa solidária, como exercício público de objetivos, que deve levar em conta interesses individuais, não privatistas, possíveis de se tornarem coletivos. E o exercício de redução da esfera privada pela construção de espaços públicos capazes de subsumi-la na perspectiva coletiva. Portanto, a socioeconomia popular solidária desenvolvida pela Palmatech busca subverter o conceito funcionalista de economia e procura recolocar a economia no seio do mundo da vida, do mundo das relações humanas, desfazendo-a como sistema colonizador e sufocador de potencialidades. Dentro dessa lógica, o sistema de mercado capitalista deixa de ser o agente obscuro que determina as relações sociais. Recupera-se a idéia de troca (valor-de-uso) como a essência das relações econômicas — em contraposição à idéia de mercado. A socioeconomia solidária afirma relações de troca com função social. Isso tudo deve ser explicado e compreendido de forma objetiva e prudente, a fim de que a Palmatech seja mais bem estudada dentro de um contexto de precarização e crise do trabalho assalariado. Nesse sentido, segundo a análise crítica de Francisca Maurilene do Carmo (UFC):

Cabe-nos, agora, refletir sobre as mudanças no campo do trabalho e da educação, procurando compreendê-las como práticas indissociáveis e dotadas de íntima relação (MENEZES e FIGUEIREDO, 2003:164).

Para tanto, a *metodologia* desse trabalho orientou esta pesquisa sobre a “Palmatech” e a “pedagogia solidária”, colhendo “dados qualitativos e quantitativos” (1998-2002) para compreender e explicar as causas e as conseqüências do desenvolvimento de empreendimentos solidários sustentáveis no Conjunto Palmeiras, mapeando os fatos afins dentro de uma explicação que busca revelar como se deu a implantação de uma pedagogia popular solidária nesse sub-bairro do Jangurussu. Isso significa que o nosso esforço investigativo está voltado para uma “análise crítica,

---

o dispêndio de energia humana para produzir o objeto. Assim, o significado e o sentido do objeto trabalhado se transformam direta e indiretamente (fetiche) em relação a sua forma real na sociedade. Agora é produto e não apenas uma coisa útil às necessidades particulares de uso. O trabalho atribuiu novo valor. Deixou de ser heterogêneo e particular em seu valor primário de uso em favor de seu novo valor, a troca. Para tanto, faz-se necessário a materialização de um equivalente universal (dinheiro) para homogeneizar o valor-de-troca entre os produtos diferenciados. Então, considera-se que quantidade de trabalho cristalizado é um fator primor para a realização de uma equiparação entre produtos diferentes, mas para que haja a troca é preciso equilibrar seus valores-de-troca como processo social. O dinheiro apenas facilita as relações de troca na sociedade. Portanto, para Marx, se o valor-de-troca advém de um processo social, então, esse mesmo valor é uma construção histórico-social e não de uma causalidade naturalizante das relações econômicas, como ocorre na natureza.

compreensiva e histórica” (WEBER, 1999) desse fenômeno social em Fortaleza.

Com certeza, este estudo também considerará a função “sociohistórica, a ação político-econômica” (MARX, 1987, 1998b, 1999ab e 2001) e a “político-pedagógica” (FREINET, 1999; FREIRE, 1987 e 1996; GOHN, 1991 e 1994) do (a): Banco Palmas, Associação dos Moradores do Conjunto Palmeiras (ASMOCONP) e Escola Comunitária de Socioeconomia Solidária (PALMATECH). Tudo isso com a finalidade de investigar “a construção e a prática” de uma pedagogia solidária sustentável favorável à organização de uma socioeconômica solidária no Conjunto Palmeiras.

A pesquisa orientou-se por intermédio de categorias teóricas *weberianas* (tipo ideal, ação social, relações de dominação), *marxianas* (trabalho alienado, valor-de-uso, valor-de-troca), de *Freinet* (escolar popular, educação politécnica, trabalho, vida comunitária), de *Paulo Freire* (pedagogia popular, cotidiano, educação, participação comunitária) e de *Gohn* (paradigmas dos movimentos sociais urbanos: culturalista, histórico-estrutural, neo-idealista e neopositivista) ao discutir a existência de uma pedagogia popular solidária no Conjunto Palmeiras. Tudo isso com o intuito de compreender e explicar adequadamente os fatos relacionados a um “novo tipo de pedagogia progressista” também em construção em Fortaleza. Assim sendo, inspirando-me também em Célestin Freinet (2000), toda a minha investigação deve continuar com cuidados especiais, a fim de evitar generalizações, juízos de valor e o uso de definições ou invocações estereotipadas:

O que nos atrapalha e nos atrasa nesta investigação científica da verdade não é a dificuldade dos problemas a serem tratados, mas sim a obstinação diabólica com que, (...), somos desviados do bom senso, (...), com que nos estragam o espírito com definições ou invocações, nos deformam o entendimento e a inteligência, levando-nos por falsos caminhos e ensinando-nos a fazer ou a desfazer nós!...(FREINET, op. cit., 2000:09).

Para a realização da investigação, desenvolvi um percurso metodológico em termos da pesquisa bibliográfica e trabalho de campo (método empírico). Assim, a pesquisa bibliográfica possibilitou-me uma discussão teórica através de obras, documentos e artigos científicos publicados sobre a socioeconomia e economia solidárias em Fortaleza. Mesmo que restrita, devido à atualidade da existência desse fenômeno socioeconômico no Brasil. Porque ainda não existe uma Teoria da Economia Solidária, mas estudos analíticos e sociohistóricos sobre categorias relacionadas a esse tipo de fenômeno. Portanto, a pesquisa de campo valeu-se de entrevistas, depoimentos e históricos de vida, onde as

experiências (a posteriori) e culturais da “pedagogia solidária” no Conjunto Palmeiras encontram-se em construção, possibilitando-me uma análise cônica sobre o fenômeno *in loco*. Então, essa pesquisa favoreceu ao acúmulo de algumas informações de “primeira mão” sobre a metodologia, a teoria, a cultura e a prática da “pedagogia solidária” no Conjunto Palmeiras, através de avaliações científicas sobre agentes sociais, políticos e econômicos responsáveis pela estrutura (prática e teórica) da “socioeconomia solidária” em Fortaleza.

Portanto, os resultados parciais desta pesquisa revelam que: 1) a pedagogia solidária é considerada uma das alternativas que vem sendo socialmente construída, através da Palmatech, como forma de contribuir para uma nova ética na economia, sedimentada na criatividade e satisfação das necessidades humanas, formando pessoas para as práticas da socioeconomia solidária diante da questão do desemprego, da exclusão social e do não exercício pleno da cidadania no Conjunto Palmeiras, desde 1998; 2) existe uma sustentável experiência da pedagogia solidária, como forma de inserção social dos palmeirenses no mercado de trabalho local; 3) existe um oferecimento de capacitação gerencial, profissionalizante e humana na perspectiva da socioeconomia solidária; 4) os mecanismos pedagógicos (debates, oficinas etc.) criados pela Palmatech desenvolvem formas de sensibilização nos palmeirenses para a “cultura da solidariedade”, mas ainda encontra-se em construção. Então, a pedagogia solidária é uma nova categoria da “pedagogia progressista”, voltada para o ensino técnico-profissionalizante popular solidário (economia popular), que está sendo estendida, gradativamente, para outros campos das atividades microeconômicas de Fortaleza (comércio, transportes etc.), possuindo como valor central o controle da sociedade organizada sobre a economia e o mercado como espaço de cooperação, colaboração e satisfação das necessidades humanas. Isso significa que existe realmente uma escola de socioeconomia solidária (Palmatech) em Fortaleza e grupos de moradores locais interessados na organização do trabalho solidário. Ademais, a realização de políticas pedagógicas de ensino popular solidário (políticas públicas) está direcionada à criação endógena de empreendimentos populares solidários sustentáveis.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMIN, Samir e HOUTART, François (Orgs.). **Mundialização das resistências: o estado das lutas 2003**. Fórum Mundial das Alternativas. São Paulo: Cortez, 2003.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a**

**centralidade do mundo do trabalho.** Campinas (SP): Cortez, 2002a.

\_\_\_\_\_. **Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e negação do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2002b. (Coleção Mundo do Trabalho).

AZEVEDO, Janete M. Lins. **A educação como política pública.** 2. ed. Campinas (SP): Associados, 2001. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, nº 56).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o Método Paulo Freire.** 17. ed. São Paulo: Brasiliense: 1991 (Coleção Primeiros Passos, nº 38).

CALADO, Alder Júlio Ferreira (Org.) et al. **Movimentos sociais, Estado e educação, no Nordeste: estudos de experiências no meio rural.** João Pessoa (PB): Idéia, 1996.

CAMPOS, Maria Malta. *As lutas sociais e a educação.* In: SEVERINO, A. (Coord.). **Sociedade Civil e educação.** São Paulo: 1992.

CARDOSO, Ruth Correa Leite. **Movimentos sociais na América Latina.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, 1987, nº 3, vol. 1.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural.** 2. ed. São Paulo: Iluminuras Ltda., 1999.

CORAGGIO, José Luis. A perspectiva da economia popular urbana: base para uma nova política socioeconômica na cidade. In: **O Futuro das metrópoles.** RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. Rio de Janeiro: Revan/FASE, 2000.

COSTA, Marisa Vorraber. **Educação popular hoje.** São Paulo: Loyola, 1998.

CUNHA LIMA, Jorge Luiz. **Banco Palmas e políticas públicas no Conjunto Palmeiras: um estudo sobre o desenvolvimento humano sustentável e o trabalho solidário (1998 – 2002).** Dissertação de Mestrado. Fortaleza (CE): UFC, 2003.

\_\_\_\_\_. **A cidade de Fortaleza: crise urbana e desigualdade social.** Revista Emancipação. Ponta Grossa (PR): UEPG, 2004, ano 4, nº 1, p. 73 – 84. (Departamento de Serviço Social).

\_\_\_\_\_. **O Brasil de FHC: Estado mínimo, precarização do trabalho assalariado e economia solidária.** Revista Emancipação. Ponta Grossa (PR): UEPG, 2004, ano 4, nº 1, p. 145 – 158. (Departamento de Serviço Social).

FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso.** 6. ed. São Paulo: Marins Fontes, 2000. (Coleção Psicologia e Pedagogia, Nova Série).

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação.** 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

\_\_\_\_\_. **Política e educação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Questões da Nossa Época, nº 23).

GARCIA, Pedro [et al.]. **O pêndulo das ideologias: a educação popular e o desafio da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Rulé Dumará, 1994.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **História da educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Magistério 2º grau / Série Formação do Professor).

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e luta pela moradia**. São Paulo: Loyola, 1991.

\_\_\_\_\_. **Movimentos sociais e educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Questões da Nossa Época, nº 5).

\_\_\_\_\_. **História dos movimentos e lutas sociais**. São Paulo: Loyola, 1995.

HOBSBAWM, Eric J. **História do marxismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, vol. I.

KÄRNEN, Hartmut. **Movimentos sociais: revolução no cotidiano**. In: Uma revolução no cotidiano? Os novos movimentos sociais na América Latina. Organizador: Ilse Scherer-Warren e Paulo J. Crischke. São Paulo: Brasiliense, 1987.

KÜSTER, Ângela. **Democracia e sustentabilidade: experiências no Ceará, Nordeste do Brasil**. Fundação Konrad Adenauer, 2004.

LAMOUNIER, Bolívar; e FIGUEIREDO, Rubens (Orgs.) [Et al.]. **A Era FHC: um balanço**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 2002.

LOMBARDI, José Claudinei (Org.). **Globalização, pós-modernidade e educação: história, filosofia e temas transversais**. 2. ed. Campinas (SP): Autores Associados, 2003. (Coleção Educação Contemporânea).

MARX, Karl. **Trabalho assalariado e capital**. Tradução de Olinto Beckrman. 4. ed., São Paulo: Global, 1987. (Coleção Bases nº 27 - Economia).

\_\_\_\_\_. **A origem do capital: acumulação primitiva**. 4. ed. São Paulo: Global, 1991. (Coleção Bases, nº 03)

\_\_\_\_\_. *Fetichismo e reificação*. In: **Sociologia**. Organizado por Octavio Ianni. 7. ed., São Paulo: Ática, 1992.

\_\_\_\_\_. **O capital**. Resumo dos três volumes por Julian Borchardt. Tradução de Ronaldo Alves Schmidt. 7. ed., Rio de Janeiro: LTC, 1998a.

\_\_\_\_\_. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998b.

\_\_\_\_\_. **O Manifesto do Partido Comunista**. 9. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999a. (Coleção Clássicos do Pensamento Político, nº 24).

\_\_\_\_\_. **Vida e obra**. São Paulo: Nova Cultural, 1999b. (Coleção os Pensadores).

\_\_\_\_\_. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2001.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). **Movimentos sociais, educação popular e escola: a favor da diversidade**. Fortaleza: UFC, 2003. (Coleção Diálogos Intempestivos, nº 13).

MELO NETO, Joaquim João; e MAGALHÃES, Sandra. **Bairros pobres, ricas soluções: Banco Palmas, ponto a ponto**. Fortaleza (Ce): Expressão Gráfica, 2003.

MENEZES, Ana Maria Dorta de; e FIGUEIREDO, Fábio Fonseca (Org's.). **Trabalho, sociabilidade e educação: uma crítica à ordem do capital**. Fortaleza: UFC, 2003. (Coleção Diálogos Intempestivos, nº 14).

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia da Educação: introdução ao estudo da escola no processo de transformação social**. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2002. (Coleção Escola e Participação).

OTTMANN, Götz. **Movimentos sociais urbanos e democracia no Brasil. Uma abordagem cognitiva**. São Paulo: Novos Estudos CEBRAP, 1995, nº 41.

WARREN, Ilse Sherer. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Loyola, 1993.

\_\_\_\_\_. **Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na Era da Globalização**. São Paulo: Hucitec, 1999.

WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999. (Parte 1 e 2).

\_\_\_\_\_. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 2001. 7. ed. Organizador da coletânea: Gabriel Cohn. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, nº 13).

\_\_\_\_\_. **Ensaio de Sociologia. Organização e introdução de H. Hans Gerth e C. Wright Mills & Revisão Técnica de Fernando Henrique Cardoso**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002. (Biblioteca de Ciências Sociais).

\_\_\_\_\_. **Economia e sociedade: fundamentos da Sociologia Compreensiva**. 4. ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. (Volume: 1 e 2).

RAZETTO, Luiz. "Economia de solidariedade e organização popular". In GADOTTI, M. & GUTIERREZ, F. (Orgs.) **Educação comunitária e economia popular**. São Paulo: Cortez, 1993, p. 34-58 (Coleção Questões da Nossa Época, 25).

RIBEIRO, Marlene. *O caráter pedagógico dos movimentos sociais*. In: **Serviço Social e sociedade**. Ano XIX, nº 58. São Paulo: Cortez, novembro de 1998.

RODRIGUEZ, Justo Luís Pereda; e NETO, Cândido B. C. **Sociologia, educação e Sociologia da Educação**. Fortaleza (CE): Livro Técnico, 2005.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Movimentos sociais**. Florianópolis (SC): UFSC, 1987.

\_\_\_\_\_. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Loyola, 1993.

SINGER, Paul & SOUZA, André Ricardo de (Orgs.). **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000.